



ALTHUSSER, PÊCHEUX E AS ESTRUTURAS DO DESCONHECIMENTO

Fábio Ramos Barbosa Filho¹

Em seu célebre “Freud e Lacan”², Louis Althusser afirma, encerrando o texto, que as duas formações teóricas que descentraram o sujeito e o político, a saber, a psicanálise e o materialismo histórico, se entrecruzam no domínio que ele chama de “estrutura do desconhecimento”, pensado sobretudo a partir da relação entre duas estruturas trans-históricas muito bem delimitadas: o inconsciente e a ideologia. Já nos seu artigo de 1965, “Marxismo e humanismo”, Althusser aponta que há uma questão litigiosa envolvendo o conceito de ideologia no seio do marxismo. Questão diretamente ligada ao tipo de relação que se institui com a psicanálise. O filósofo afirma que

convencionou-se dizer que a ideologia pertence à região “consciência”. É preciso não se deixar enganar por esse epíteto, que permanece contaminado pela problemática idealista anterior a Marx. Na verdade, a ideologia pouco tem a ver com a “consciência”, ao supor-se que esse termo tenha um sentido unívoco. Ela é profundamente inconsciente, mesmo quando se apresenta (como na “filosofia” pré-marxista) sob uma forma refletida. A ideologia é, antes de tudo, um sistema de representações: mas essas representações, na maior parte das vezes, nada tem a ver com a “consciência”: elas são na maior parte das vezes imagens, às vezes conceitos, mas é antes de tudo como *estruturas* que elas se impõem à imensa maioria dos homens, sem passar para a sua “consciência” [...] Os homens “vivem” a sua ideologia como o cartesiano “via” ou não via – se ele não a fixava – a lua a duzentos passos: *de modo algum como uma forma de consciência, mas como um objeto do seu “mundo”* – como o seu mundo mesmo. (ALTHUSSER, 1967, p. 206)

Essa é uma intervenção teórica e política que institui um corte com uma concepção vulgar da ideologia no marxismo (a proposição da “falsa consciência”) e, de forma mais incisiva, com certas aproximações da psicanálise com o marxismo (o freudo-marxismo). Diferentemente do freudo-marxismo³, Althusser não tenta encontrar uma plasticidade ou uma forma de integrar inconsciente e ideologia, mas apenas de supor que há entre essas duas estruturas trans-históricas, algo de análogo e constitutivo do funcionamento de ambas. Essas duas “estruturas do desconhecimento” (inconsciente e ideologia) não podem ser concebidas, na perspectiva materialista, como estruturas que refletem inversamente, sob a forma de uma falsidade, o real. Não podem ser interpretadas como

¹ Mestre e doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior - CAPES.

² Althusser, 1985.

³ Aqui me refiro, fundamentalmente, aos trabalhos de Bernfeld e Fenichel, Reich, Fromm e, de forma geral, ao conjunto de pesquisadores da “escola de Frankfurt”. Essa periodização/classificação está bastante detalhada em Rouanet, 1989

falsidade ou ilusão. A ideologia não é a “falsa consciência” justamente porque não chega a se estruturar no domínio da consciência. Justamente por isso ela *alude* mais do que *ilude*, diz Althusser⁴.

É por conta de tal conjuntura epistemológica que essa relação, talvez uma das mais controversas/contraditórias *na* e *da* teoria do discurso, mobilizaram em Michel Pêcheux uma extensa reflexão, perene, pautada na equivocidade da “junção” desses dois objetos. Junção que não significa nem “colagem” nem “recobrimento” e que se torna complexa justamente por conta da natureza delicada dessa relação, imprimindo a esse empreendimento uma “história interminável” – para utilizar as palavras de Althusser – que determina o modo de conceber teoricamente a relação entre subjetividade e formação social, entre ideologia e sentido e, fundamentalmente, as relações de identificação tão agudas e inquietas na reflexão de Michel Pêcheux. Pensar essa junção a partir desse prisma, nos poupa de uma reflexão que busque subsumir a análise de discurso à psicanálise (ou o contrário), como um domínio de saber “refém” (que esteja vinculado ao outro pela necessidade, onde questões equívocas são esclarecidas quando o dispositivo teórico em questão não pode dar “respostas”). Existe, talvez, um ponto básico que aproxime a reflexão entre inconsciente e ideologia. Há, em ambos, uma ênfase em algo que não se sabe, mas *há*. Do lado do inconsciente, a travessia da fantasia é justamente o momento em que se conhece a lógica que ordena o Outro discurso. Do lado da ideologia, a contradição entre o visível, o saturado pela evidência é o tempo inteiro rebatido pelo funcionamento litigioso da formação social, onde as falhas aparecem como sintomas de que há algo querendo ser visto, ser dito, mas sempre suturado e suprimido pelos gestos de administração na tensão entre uma língua equívoca, um sujeito descentrado e uma história sustentada na e pela contradição. É por isso que Pêcheux aponta o caráter litigioso do processo de reprodução, afirmando o motivo de optar pela noção de “reprodução/transformação”:

Ao escrever “reprodução/transformação”, pretendo designar o caráter intrinsecamente contraditório de *qualquer modo de produção que se baseie numa divisão em classes, isto é, cujo “princípio” seja a luta de classes*. Isso significa, em particular, que considero um erro localizar em pontos diferentes, de um lado, aquilo que contribui para a reprodução das relações de produção e, de outro, o que contribui para a sua transformação: a luta de classes perpassa o modo de produção como um todo, o que, no campo da ideologia, significa que a luta de classes “passa” pelo que Althusser chamou de Aparelhos Ideológicos de Estado. (PÉCHEUX, 1996, p. 143 – grifos do autor)

A questão que se coloca é compreender inconsciente e ideologia não como realidades fenomenológicas ou ontológicas, mas como uma estruturas que produzem efeitos⁵, uma estrutura que sustenta processos e posições, conforme aponta Sampedro ao afirmar que “a lei político-econômica que atribui ao agente da produção a sua posição no processo produtivo é *reprimida* e dissimulada noutras cadeias significantes que têm por efeito indicar a posição sem que o agente possa evadir-se dela” (SAMPEDRO, 2010, p. 52). E a aproximação entre inconsciente e ideologia se torna ainda mais

⁴ Althusser, 1965.

⁵ É o que Garcia-Roza (2008) denomina, de forma bastante interessante, de “realismo ingênuo”.



interessante quando concebemos a ruptura dessas duas formações teóricas com o campo de questões que se desenvolvia antes da intervenção dessas práticas teóricas:

A concepção de psiquismo dominante até Freud era a de uma subjetividade identificada com a consciência e dominada pela razão; quando muito admitia-se que a consciência pudesse conter uma franja ou margem inconsciente, ou ainda que, em alguns casos, se pudesse falar de ocorrências psíquicas que permaneciam abaixo do umbral da consciência. O termo “inconsciente” era empregado de forma puramente adjetiva para designar aquilo que não era consciente, mas nunca para designar um sistema psíquico autônomo e regido por leis próprias (GARCIA-ROZA, 2008, p. 209)

Ora, é justamente isso que Althusser aponta em Marx em relação à ideologia. Havia um tipo de reflexão que por situar a ideologia na esfera da consciência, a inseria no domínio do idealismo (ignorando o primado do *ser* sobre o *pensamento*, uma das teses fundantes do materialismo dialético), apagando a eficácia própria da ideologia frente aos processos de reprodução/transformação ou, em termos marxistas, apagava a autonomia da superestrutura frente a uma contradição simples entre capital e trabalho, de ordem infraestrutural. Pêcheux retoma e sintetiza essa querela: “As ideologias não se compõem de ‘idéias’, mas de práticas” (PÊCHEUX, 1996, p. 143). É justamente com essa intervenção – situar ideologia e inconsciente enquanto estruturas que possuem naturezas distintas e ao mesmo tempo são análogas – que Althusser desenvolve uma teoria da leitura que denomina sintomática e credits a Freud o mérito de ter questionado, pela primeira vez, o que significava falar, escutar e calar, para pensar a ruptura de Marx com a economia clássica. E é precisamente esse ponto que eu gostaria de desenvolver. Se Althusser enuncia em Marx a emergência de “uma teoria da história capaz de nos fornecer uma nova teoria do *ler*” (ALTHUSSER, 1975, p. 16), Michel Pêcheux toma como tarefa construir um dispositivo de leitura que dê conta de intervir na luta política a partir da teoria. Um dispositivo que reclama a história enquanto sustentáculo de uma teoria que não recua diante da política e coloca a luta de classes como possibilidade mesma do funcionamento contraditório dos sentidos numa sociedade estruturada pelo modo de produção capitalista. Pêcheux afirma que

uma referência à História, a propósito das questões de Lingüística, só se justifica na perspectiva de uma análise materialista do efeito das relações de classe sobre o que se pode chamar as ‘práticas linguísticas’ inscritas no funcionamento dos aparelhos ideológicos de uma formação econômica e social dada: com essa condição, torna-se possível explicar o que se passa hoje no ‘estudo da linguagem’ e contribuir para transformá-lo, não repetindo as contradições, mas tomando-as como efeitos derivados da luta de classes hoje em um ‘país ocidental’, sob a dominação da ideologia burguesa (PÊCHEUX, 2009, p. 22)

É essa a relação que se coloca como desafio. Frente ao par ideologia/inconsciente, pensar os modos pelos quais essa analogia funciona enquanto estruturante do empreendimento teórico/político de Michel Pêcheux e como os conceitos althusserianos se colocam não como influências ou heranças, mas como ferramentas e instrumentos analíticos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. Marxismo, ciência e ideologia. In: DOMERGUE, Raymond. *Marxismo segundo Althusser*. Lisboa: Sinal, 1965. p. 10-55

_____. *Análise crítica da teoria marxista*. Tradução de Dirceu Lindoso. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. Tradução de: *Pour Marx*, 1965.

_____. De "O Capital" à filosofia de Marx. Tradução de Nathanael Caixeiro. In: ALTHUSSER, (et al). *Ler O Capital*, volume 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. Tradução de *Lire Le Capital*, 1965.

_____. Freud e Lacan. Tradução de Walter José Evangelista. In: _____. *Freud e Lacan, Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985b. Tradução de: *Freud et Lacan*, 1964.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi, Lourenço Chacon, Manoel Corrêa e Silvana Serrani. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009. Tradução de *Les verites de La Palice*, 1975.

_____. O mecanismo do (des)conhecimento ideológico. Tradução de Vera Ribeiro. In: ZIZEK, S. (Org.) *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 143-152. Tradução de: *Mapping Ideology*, 1994.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

SAMPEDRO, Francisco. A teoria da ideologia de Althusser. In: NAVES, Márcio. *Presença de Althusser*. Campinas, SP: UNICAMP/IFCH, 2010. p. 31-52.